



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Ex.mo
Sr. Dr. Coimbra Pacheco
Sr. Dr. Almeida
Sr. Dr. Almeida
Sr. Dr. Almeida

DIRETOR E EDITOR:

Padre Américo

Religião, Administração e Propriedade:

Paço do Galato da Pólv.—Paço da Cruz

Vales do Correio para Cete

Composição e Impressão—Tip. da Casa

Nun' Alvares N. Santa Catarina, 628—Porto

Preço 1000

MÁS NOTÍCIAS

FOI no primeiro quartel do ano de 1943, que se deu começo às primeiras casas do aglomerado que hoje se chama a Casa do Galato do Porto. Começamos com trezentos contos, que na Arcada nos deram a título de esmola, com a declaração verbal e depois escrita, que *obras desta natureza não podem sofrer pelas burocráticas*. Não são palavras nossas, mas estão arquivadas na correspondência da casa. Nos anos seguintes de 44 e 45, recebemos eguais subsídios em eguais circunstâncias. No ano de 1946, recebemos, além daquele mesmo subsídio, mais cem contos, que o então Ministro das Obras Publicas nos quiz trazer, no dia em que veio assistir à benção da capela e inauguração da aldeia. Nos primeiros mezes do ano corrente, o actual Ministro das Obras Publicas, depois de uma visita que fez às obras, despachou tal qual os Seus Antecessores. De sorte que, feitas as contas, desde o início das obras até à data de hoje, o Fundo do Desemprego concorreu para elas com a soma de mil e seiscentos contos. Muito bem. Coisa muitíssimo importante. Não fôra este auxílio, e que poderíamos nós ter feito daquilo que já fizemos? Mais. Não fôra ele prestado com aquelas facilidades, quem pudera arrostar com as dificuldades?

A aldeia está povoada com cento e cinquenta almas. Não vale a pena encarecer nem enaltecer. Não é necessário. Os gastos gerais, até à data, sobem a quatro mil contos e quê. Os dois mil e quatrocentos contos que faltam, não são uma dívida da casa. Foram cobertos pelo povo. Dinheiro que o povo aqui trouxe, outro que eu tenho ido buscar a casa dele. O certo é que a gente não deve nada a ninguém. Anda, assim, de braço dado, o povo mai-la Nação, pelas ruas da nossa aldeia.

—Diga-nos uma coisa: O Estado tem concorrido, não é verdade?

Os nossos estudos

Da Casa de Miranda, sei que fizeram dois a quarta classe. Trez, deram boas provas da terceira classe. Passaram nove da segunda para a terceira e outros tantos da primeira para a segunda. Ha-de estar muito contente a Minerva.

Aqui em Paço de Sousa, vamos começar o ano com trinta e cinco na segunda, com estes e mais um na terceira, com dezasseis na quarta e uma data de Batatas na primeira. Quando chegar a maré dos exames não-de ser trabalhos.

Muitos destes primeiranistas não sabem dizer quem são! Dos que frequentam o Seminário, não tenho aqui dados. Segundo a opinião de muita gente, para padre qualquer burro serve. Quando se descobriu que eu andava a estudar, os 40, dizia-se: *que péral! Mal empregado!*

Se ele (er) fosse um inútil, estava bem!
Dos do L. r do Porto, já falamos.
Dos do Lar de Coimbra, também me faltam os dados, exc⁶⁴ um.

O I. der. A meio do acto desistiu. O Alberto Augusto, que também foi da Tutoria e têm bolsa, trabalha em Lisboa num escritório. Concluiu com boas notas o I.C.L. e vai fazer a...

Eis a pergunta quasi sacramental dos visitantes aos quais eu, por acaso, falo.

—Concorre, sim senhor. Tem concorrido.

E aqueles que nunca perguntaram, ficam agora a saber, por estas regras, quanto e como o Estado tem concorrido. Na minha pobre opinião, o como tem sido muito mais importante do que o quanto. De braço dado. Contento. O povo gosta de ouvir dos meus lábios que o Governo dá e se me fôra dado falar a um tão alto poder, gostaria que também o Governo soubesse que o povo tem dado. A Patria quer os seus filhos. A Patria precisa de todos os seus filhos, — os da rua também. Chorei aqui, ao ler a sentença no processo de um abandonado de cinco anos, vinda de uma Comarca dada por um Magistrado:—*Não temos abrigo nem verba.*

A senhora dona burocracia! A burocracia a condenar a trabalhos forçados um português inocente! Mas temos nós uma coisa e outra. Um dia que por cá venhas e eu esteja, pergunta pelo Formiga. E há-de chorar de contente, por sentires ao pé de ti o baço de dezenas e dezenas de formigas, para as quais não havia abrigo!

Até agora, temos falado da Casa do Galato do Porto. Passemos à de Lisboa. A' Casa do Galato de Lisboa.

Afeito como estava a estes precedentes, não tive duvida nenhuma em aceitar o compromisso. A mesma obra. A mesma urgencia. Os mesmos homens. Tudo indicava os mesmíssimos processos. Avante, pois. No dia 10 de Junho deste ano, começamos a primeira fase das obras. O Ministro das Obras Publicas, depacha cinquenta por cento logo a 27. Pois bem. A data em que lanço estas regras ao papel, é o dia 14 de Agosto. Ainda não se recebeu o cheque. Não há luzes dele. Não tenho coragem de abrir a correspondencia. Se a abro, não a l'co. Se a leio, desanimo. Peias!

De sorte que está em risco a empresa da capital.

As coisas são o que são. O vento sopra aonde quer. O Governo é que sabe medir — e mede. A menos que do Alto me seja dada outra força e outra luz que ora me faltam, não podemos continuar.

UMA CARTA

Começo por lhe pedir desculpa da ousadia do meu pedido mas permita-me o termo, *é um caso de vida ou de morte*. Só o Padre Américo me pode valer nesta grande aflicção.

Trata-se do seguinte: Entrou ontem no hospital um rapazinho de 12 anos que foram encontrar quase enforcado e só por milagre foi salvo. E' já a terceira tentativa de suicidio por enforcamento e diz ele que não é a última pois que está farto desta vida, *não posso aguentar mais isto* (palavras textuais). E são ditas estas palavras por uma criança de 12 anos!

E' orfão de Pai e Mãe e os irmãos mais velhos mandam-no para a rua a ponta-pés. E o resultado é o garoto andar na vagabundagem, roubando para comer, maltratando os companheiros e repreende.

Falta-lhe o carinho e o aconchego. Ora uma criança não se deve considerar nunca um vencido da vida. Mas sente-se ele e continua a dizer que se há-de matar porque está *farto disto*.

Não me diga que não, por Deus. Onde estão tantos não se poderá recolher um que quer pôr fim à vida por abandono de todos? Não o abandonemos nós Padre Américo, ajude-me por favor. O garoto está no hospital e as irmãs estão com receio de o deixar sair porque ele continua a dizer que faz o mesmo.

Há três dias que não comia quando ontem se tentou enforcar, e à hora de jantar no hospital comeu brutalmente.

semelhante, nem a dezenas delas, de todas as provincias, desesperadas.

Não respondi. Pode ser que a tinta deste quadro seja um bocadinho denegrida, tanta a vontade de ver abrigado, a pessoa que se interessa pelo sem abrigo. Qual o doente que não encarece as dores, na presença do médico? Pode ser. Mas eu acredito. Acredito por ter topado, eu mesmo, casos desta natureza. Acredito na sinceridade daquela creança que se quiz matar e que se quer matar. Por aqui se deduz quanto a vida lhe não amarga.

Antes a morte! A creança que vem ao mundo para vencer declara-se no mundo vencida! Como há-de ela amar? A quem pode amar? Que valem os homens, se não se amam uns aos outros? Que dizer deles, quando não fazem caso da creança?

Esta carta é um documento. Mas agora pergunto eu; não havia em Portugal creanças abandonadas antes da criação da Obra da Rua, com suas aldeias? Havia sim senhor. Então quê? Faltava luz. Não havia luz que a mostrasse. O biologo que não seja um teologo, lê mas não entende. Admira o mistério da vida, sim, mas não lhe tira o chapéu.

Chegando à meta pára. Diz mesmo que não tem nada com o que está para além. Ora esta luz de que eu falo vem de lá. Vem toda de lá. E' esta luz que tem alumado e aquecido as almas, pelo Galato. Luz que vem da Luz. Por isso choras! Se toda a vida é preciosa, que dizer da vida humana! Se já havia para ela um mandamento especial, no Antigo Testamento, que dizer no Novo, onde Deus se fez Homem. O Verbo fez-se carne! Quem não beber nesta fonte, não

Do que nós necessitamos

Tenho noticia de que um senhor perguntou a outro senhor se eu queria uma data de pneus velhos. Se quero! São para a oficina de sapateiro. Tudo é pouco para esta casa. Só ontem é que eu descobri que temos cá cento e quarenta e três rapazes!

E eu a fazer a conta a uns cento e vinte. E eu a ralhar com o Rio Tinto por cozer muitas vezes e muito de cada vez. E a ralhar com o dispenseiro por não governar a borôa. E agora pelo livro de registo, vejo que nenhum deles tem culpa! Se quero? Quero sim senhor. Quero tudo. Nós precisamos de tudo. Mais no *Depósito* coisas e roupas e dinheiro. Os pacotes de roupas, continuam a trazer a marca do zêlo: *não há perigo, eram de gente sã*. Muito devo a quem assim oferece. Ha dias, vinha um aviso curioso: *São do meu filho que já não cabe dentro da roupa*. Sinal de boa saúde. Cresce bem a fazer bem. Homem total. Mais 200\$00 de um Rapaz do Porto que começa a negociar por sua conta e tira aquela soma da sua primeira transação. Deus o ajude. Mais os 50\$00 do costume dos empregados da Vacuum. Mais 20\$00 do meu primeiro ordenado. Mais 250\$00 dos *Antónios do Norte*. Mais 100\$00 de Lisboa, de um *alfacinha*, para a Casa do Gaiato de Lisboa. Mais uma subscrição feita pela guarnição do navio Hidrográfico *Mandovi*, também para o mesmo fim, 56\$50. Praças de um navio, sôlido limitado. Mas êle ha algo na alma da gente que não tem limites!

Mais um pacote de roupas usadas. Eu tenho que não ha oferta mais carinhosa para as nossas casas, do que as roupas que serviram aos vossos filhos. Mais uma data de peças dentro duma mala. Não digo todos os dias, mas é rara a semana que se não tenha de chamar a roupeira e fazer entrega de encomendas. O espectáculo é sempre o mesmo: todos os roupeiros deixam as suas ocupações e veem assistir. *Ai aquilo*. Corre vóz na aldeia das coisas preciosas que acabaram de chegar. Ha empenhos para esta ou aquela peça. Conforme os gostos, assim o empenho. Roupas! Roupas feitas em casa! Aquele fato ao qual alguém, por muito tempo, chamou o *meu fato* e o que hoje um outro alguém chama de *meu fato*.

Tenho aqui sobre a meza uma fotografia. Vem no *Geographic Magazine* de Agosto. E' na Finlândia a Cruz Vermelha distribue roupas da América. Roupas feitas em casa. Uma senhora faz entrega dum pacote a uma dona de casa, *housewife*. E' um vestido, pijamas, pulovers e mais coisas, *other items*. Estão outras donas de casa ao pé. O pacote está nas mãos de quem vai entregar, assim como quem diz — *aqui tens*. A dona de casa limpa as lágrimas. Parece-lhe mentira. Não quiere pegar. *Eu não sabia que o mundo podesse ser tão bom! Could be so kind*. São estas as palavras que ela tem para dizer, antes de tomar conta. O que esta Mãe não deve ter visto na sua terra! E' mãe, com certeza. Não chorara, se o não fôra. E' que no pacote vinha roupa para os seus filhos. Ela ama. Este é o amor que extremece e faz estremecer. Amar os outros. Amar os outros mais do que a si próprio. Fôsse a roupa para ela. Recebia. Agradecia e andava. Era para os outros. Era para os filhos. Chora e faz chorar. Os assinantes do *Magazine* são milhões. Muitos hão-de vêr, lêr e chorar. Ora estas roupas que nos dão, são uma prova de amor aos outros. Amor cristão. Amor da Cruz. Se te amasses a ti mesmo chamavas a casa o adeleiro.

Outra vêz mais roupas de Coimbra. Mais um pacote de ditas entregue no *Depósito*. Mais 100\$00 de uma promessa, com o desejo expresso de assistir uma vêz à missa um Alfredo. Nós temos cá alguns. Nós temos de todos os nomes e terras. Sim senhor. Cumpriu-se. Na nossa aldeia não existe a obrigação da missa cotidiana, mas a capela está aberta á hora da missa, para os que quizerem assistir. Nós temos o culto na aldeia, para isso se fêz uma capela de raiz. Mais alguém que falou do Porto a pedir assistencia de alguns rapazes á missa, em certo dia, por determinada intenção. Sim senhor. Quando assim succede, ha tribunal de vespera. Fala-se da gratidão. De quanto não devemos nós aqueles senhores que sollicitam a nossa presença numa hora deles. Presença moral. Mais aqueles 20\$00 de sempre. Mais um pacote de roupas de Montijo.

Mais um dito de Pedrouços. O de Montijo era uma toalha. Uma toalha de rôsto, daquelas

Nota da quinzena

Não sei se as mais gazetas do dia traziam a noticia. *O Comercio* sim. Arrumado a um canto, letra miudinha, vinha lá a dizer:

Ontem, numa das suas habituais batidas aos terrenos do Parque Eduardo VII, a policia foi encontrar num buraco onde habitavam, num estado de miséria e doença, quase inacreditável, dois homens, os quais, conduzidos ao Hospital de S. José, ficaram ali internados em estado melindroso. Um deles, vivia no referido buraco há três meses.

Não devia ser *O Gaiato*, o quinzenalzéoo da Obra da Rua. Devia ser mas é a grande imprensa. A mentora. A condutora. Sem fazer politica nem acusar ninguem, os jornais de Portugal deviam pôr na primeira página, muito á flôr, e oferecer á meditação dos seus leitores, estas tristes noticias, que se passam em nossa casa, com a nossa gente. Porque andamos nós tão fugidos uns dos outros? Uns metidos nos buracos, outros instalados em suas casas! Somos nós quem foge deles ou são eles que fogem de nós? Que juizo terá feito dos homens, aquêle homem que morou num buraco, em Lisboa, tuberculoso, como afirma a noticia? Podemos ficar com a satisfação de que êle nos perdôa?

Será êle capaz disso? Sabe êle a doutrina alta do perdão? Poderia êle escuta-la no buraco, doente e com fome? Quem vai ás tocas *desta gente*? Foi lá a policia em batida. Iam á cata de criminosos e encontraram um crime... nosso!

Não são as queixas destes nem doutros como eles. Eles não se queixam. Não teem força. Gemem! E' o nosso pecado que brada ao céu e espalha a desordem na terra. Não seria assim se Deus não fôsse a justiça. Nem Ele seria a justiça se não fôsse o Amor. Tive sempre muito mêdo ás tocas e ós buracos, quando o homem faz deles a sua morada por necessidade. Na idade das cavernas, estava muito certo. Todos viviam em cavernas. Mas agora há a Urbanisação.

O Mestre ensinou esta doutrina, servindo-se, até, de figuras, para ser melhor compreendido. O negócio é sério. Há que ser realista. O Mestre foi realista. Ele foi buscar o senhor do palácio, vestido de purpura, e o homem das feridas a deixar-se lamber pelos cães—no Parque!

E com parabolas prégou a vida eterna. Eu acredito na vida eterna! Eu sou o prégador da vida eterna.



Dificuldades

O Carlos Inácio, a quem chamam aqui o Pastelão, não pode ser matriculado no Liceu. Não pode por via da lei. Doze, é a idade. O rapaz tem catorze. Naquela idade, andava ele ocupado com os trabalhos das ruas, que redundam, quasi sempre, em trabalhos e despesas nossas... As leis são feitas por homens que não abarcam. Não podem naturalmente abarcar tudo. Por isso mesmo participam das suas imperfeições. Só as leis da natureza são regra universal. Ao tempo em que a lei foi feita, ignorava-se, por certo, da existência dum organismo social, que anda pelas ruas á cata de brilhantes por lapidar. Ou talvez esse organismo ainda não existisse, quando a lei saiu a lume. E se lhe fizessem uma emenda? A natural imperfeição das leis hmanas, permite emendas. Talvez por esse caminho, a gente fosse capaz de dar á intelligência deste e doutros que temos, um alimento adequado. Primeiramente o conhecimento de Deus, objecto principal da nossa intelligência. Depois, as coisas. Eu não deixo ir todos, mas os de consciencia bem formada, queria que fossem até ao fim. Não os deixo ir todos, por respeito á Ciência. De uma vez, o director de certo colégio, veio-me pedir não tirasse eu um rapaz que ali tinha, a dar as mais altas provas: Tem as notas de vinte, por não haver nada mais alto, disse.

- Pois tem, mas não tem carácter.
- Explique-se. Nós não lhe encontramos nada.
- Mente. Mente por convicção.
- Você cuida que os médicos e os advogados não mentem?

UMA CARTA

Continuação da primeira página

mata a sêde. Quem não olhar para a creança a esta luz, não vê a creança.

Eu vou aqui dizer uma coisa para consolação de todos: São tantos os que já leem o *famoso*; tantos os que se apresentam como futuros leitores; tantas e tantas as cartas a vibrar. Tanto de tudo que é bom e honesto e santo, que podemos concluir sem mêdo de errar: Somos homens religiosos. Somos um povo cristão.

Ele há tantas almas que duvidam qual seja a verdadeira, pela confusão das várias religiões. Os estudiosos resvalam e acabam por regeitar todas. Eu não quero estudar. Quero vêr. Quero sentir. Tenho notado que aonde o humano, ai o Divino. Quanto mais humanamente tratamos as creanças, maior numero de mãos se levantam para o Céu. De onde se compreende que o miôlo da verdadeira religião é este amor. *Deus é amor*, verdade eterna.



OUTRA CARTA

Há quatro semanas que sou pontualmente surpreendido com a visita dum jornalista de sua sábia direcção, «O Gaiato».

Não sei quem foi a pessoa, provavelmente do Porto, que indigitou o meu nome.

Fôsse quem fôsse, o certo é que desde logo simpatisei com a carinhosa e desprendida Obra, e venho concorrer com a minha pequenina acha para manter esse fogo sagrado da Fraternidade humana, que V. tão bem exemplifica.

De resto, eu também fui um «gaiato» do Porto.

Nado no Hospital de Santo António, fui depois criado, a expensas da Santa Casa da Misericórdia, no Estabelecimento Humanitário do Barão de Nova Sintra, onde fiz o meu exame de admissão aos liceus.

Mas o Liceu... viste-lo! Não tive pai nem dinheiro para isso. Minha pobre mãe—criada de servir,—sucedeu-lhe o que succede a tantas outras...

Como ainda não havia «casas dos gaiatos», deambulei pelo comércio como marçano, até que aos 18, com uns pelitos já a dispor no queixo e sem futuro definido, assentei praça voluntariamente (valvula de escape para as ambições justas) e hoje eis-me capitão, vivendo da reforma que conquistei pelo meu esforço.

A orfandade não é desgraça, nem o orfão um desgraçado.

A morte do pai ou da mãe ou dos dois, é um acto da vontade de Deus. *Seja feita a vossa vontade*. Nesta declaração sincera, está o remédio das feridas. Deus supre. A desgraça é mas é do que tem pai e mãe,—e é orfão! Dorme por lá. Anda por lá. Nasceu na freguesia de Miragaia, no hospital de Santo António, e nesse mesmo dia recebe um passaporte, para ser estrangeiro na sua pátria.

Temos dezenas destes estrangeiros. Nasceu em Miragaia, diz a papeleta. Amparamos, mas não pagamos. A dívida fica. O sangue clama. Alguém há-de ser chamado.

Oh verdade eterna!



então fiz. O intelligente anda por esse mundo a guardar porcos. Andava até há pouco.

Se a lei viesse em meu auxilio, que eu nadesse fazer subir pelas calças do Dacilano

PEDITÓRIOS

Todo o burro come palha

AQUI, LISBOA!

Abri a estação em Espinho; na igreja de manhã, e na esplanada, de tarde. Fraco. Menos de metade dos mais anos. Não fôra a contribuição voluntária e anual de um certo senhor que ali se encontrava, e dificilmente poderíamos almoçar. Era o *Piolho* de Coimbra, o Marques da Guarda e o Amadeu de Elvas. Um deles, trouxe uma explicação do fenómeno, que um senhor lhe dêra na rua:—O ministro da Economia tirou o dinheiro ós industriais e eles agora dão pouco ó P.^o Américo.

—Quem te disse isso?
—Foi um senhor na praia.
Não me parece que nenhum ministro possa tirar nada a ninguém. Com injustiças, jamais se fêz justiça e sem ela, é certo que ninguém governa. O que eles pretendem é limitar. E' impedir a ruína e a tristeza da nação. Não havia de ser assim. Cada um devia limitar-se e já não era necessária a interferência do ministro. Dar de boamente a cada um aquilo que lhe pertence. Olha a fábrica de Arrentela! Quantas arrentelas por aí fóral! Tenho aqui uma carta de um dos meus rapazes que trabalha em Lisboa, datada de 1 de Agosto a qual diz: *Tornou-se insustentável a minha situação dentro da firma em que tenho estado (Moagem) pela imoralidade que aqui lavra.* Quantas arrentelas!

Ou será mau o ministro, por quererem conier mais os que já estão fartos, e Ele vai e não deixa? Ora continuemos. Chegou o meio dia. Horas de comer. Aonde havemos de ir, foi a minha pergunta. O Marques, disse a um tasco. O Amadeu, disse que pão chegava; *compre nos pão.* O *Piolho* disse que passavamos bem até à noite; que comiamos em casa. *Tenho passado tantas vezes sem comer!* Soldados de primeira linha. Homens prá vida. Venceu o Marques. Fomos a uma tasca. Eramos 4 mais o motorista. Veio comida. A moça diz a conta de cabeça; não trouxe papel. Achei de mais. Pedí lápis e ia escrevendo, enquanto ela desfiava. Verificou-se uma comedela de trinta escudos e quê! Tomei o papel na mão e fui dentro à cozinha, aonde estavam sentados à mesa o senhor mai-la senhora da tasca. Ambos entrados em anos. Ao pé, cestos de fruta e de pão. A moça tinha ido ali por uma coisa e outra e pedia dez tostões por um *trigo* que se comeu além dos da tabela e o mesmo por cada pera. Eu sentei-me, e ia falar quando a dona irrompe contra o ministro da economia! Eu cuidava que eram somente os industriais, mas enganai-me. Tudo estava à mangedoira! Todos a digerir! E' o que querem dizer com seus protestos. Tenho pena deste século! Século de doentes. Se o homem não tem força de se limitar a si mesmo, pouco vale. Se quer mais e mais e mais mata os outros e morre à fome. E' tufão que passa a fazer poeira e a derrubar. E' raiz de todos os males.

Este ano, não conto ir ós hotéis das termas, como era costume nos mais. Não que o dinheiro me chegue. Nunca me foi tão preciso como agora; a Casa do Gaiato de Lisboa! Mas é muito caro. Fica-me muito caro aquêle dinheiro. Eu não gosto de pesar nem de aborrecer e sinto que uma coisa e outra tenho sido por aqueles lugares. Há por lá coisas mais sérias do que escutar as minhas lamúrias. Mais sérias, até, do que a própria saúde: há os divertimentos. Aquela gente quer divertir-se. Ora estando para amanhã, às tantas, marcado o baile, que vem cá fazer o tal apóstolo? Que nos importa a tal obra? Eles teem razão, mas eu também a tenho. De uma parte e d'outra, há lógica.

Está assim constituído. Tirante umas dúzias de pessoas que necessitam verdadeiramente de fazer uso das águas, o resto vai gozar. São férias. Muito bem. Mas eu gostaria de mais. De mais e melhor. Era vêr ao lado do que por lá se vê, instalações adequadas para as classes sem fortuna. Facilidades. Acesso. Imparcialidade. Não traz malas? Não cheira a dinheiro? Não importa. E' um doente que precisa daquela água. Merece fazer uso dela. Não é necessário chegar às alturas da Rainha Dona Leonor; fazer um hotel para os Pobres. Quem te deu essas azias? Se ao menos sentisses a falta delas, eras feliz! Alturas não são para todos. Porém, rasteirinhos como somos, podemos fazer alguma coisinha. Mais sentido social. Menos febre de dinheiro. Mais equilíbrio. Os senhores empregarlos-capitalistas deslumbram-se. Levantam orgias. E os irmãos? Nada é completo nem verdadeiro, se ao lado do que a gente por lá vê se não construir também o que lá falta. Tenho esta opinião.

Foi em uma praia. Um dos nossos vendedores oferecia o jornal.

—Compre, que é da obra do P.^o Américo.
—De quem?
—Do P.^o Américo. E' da obra do P.^o Américo.
—Tira isso já da minha frente!
—O rapaz acrescentou que o senhor em questão falara mal, de irritado: *Ele até falou mal.* Não comprou.

Mas os nossos rapazes são espertos. Conhecem, pela pratica de lidar com os homens. Andam afeitos. Que fêz o vendedor? Deixou arrefecer e voltou ó mesmo senhor.

—Compre que é prá Casa do Gaiato.
—Quê?
—Prá Casa do Gaiato.
Deixa cá vêr.

Deu cinco escudos pelo jornal!—A questão é sabê-la dar! Cada vêz admiro mais o tino, a perspicacia dos pequenos vendedores do jornal. Parecem homens experimentados, pelo bem que experimentam os senhores das praias. Honra lhes seja!



ASSINATURAS PAGAS

Estava aqui sob a minha mesa de trabalho uma grande lista de assinantes prováveis, de Leiria, que um apaixonado da Obra nos mandara. Tinha a data de Maio. Eram para cima de cem nomes. Estava a lista, sim, porém eu, escaldado doutras, não fazia caso. Ceto aparece um dia com o correio e enquanto espera dá, casualmente, com os olhos nas citadas listas. *Olhe assinantes*, diz ele muito depressa. *Mais assinantes.* Eu expoliquei. Que não. São nomes. Não vale a pena trabalhos. O rapaz escuta mas não aprova. *Para que estamos nós na redução senão para trabalhar?* E intimou. Dei a lista ao Ceto tres meses depois dela ter chegado. Dei sem esperanças. Disse, até, que iam perder o nosso rico tempo mai-lo nosso rico dinheiro. Pois enganai-me. Feliz engano. Até à data em que esta escrevo, somente dois senhores é que devolveram. Mas não há linda sem senão Tenho de aturar o Ceto. O Ceto seringa-me todos os dias ao chegar do correio sem devoluções de Leiria: *então ficaram ou não ficaram?*

Ficaram os de Leiria. Os daquela lista, mas não sucedeu assim com todas as listas nem com todas as terras. Uma grande parte devolve. De algumas, até, se mais exemplares fossem mais devoluções haveria. Ora eu tenho de verificar estes factos e calar-me. Se me queixasse daria às almas a impressão de uma nascida. Gosto desta palavra, com que o povo designa qualquer coisa ruim que lhe aparece no corpo. Uma nascida. Também a mim, por ver que me não querem ler, poderia a queixa vir duma coisa ruim que nasce na alma da gente: o amor desordenado da illustre pessoa que somos! Por isso me não queixo. Aceito. Tomo as coisas como elas me vêm.

Mas há uma coisa que eu amo muito mais que a minha illustre pessoa, e por amor dela posso e devo queixar-me. Essa coisa é a Obra. A Obra da Rua. O jornal, não sou eu a escrever; o jornal é o pão de centenas de engeitados. E' o pão que tu lhas deves. Para mim, até migalhas. Ninguém me deve nada. Mas para eles, pão. Quero o pão. E' pelo jornal que eu peço este pão.

João Alves Cerqueira, Viana do Castelo, 100\$; Madalena Deigado Cerqueira, Viana do Castelo, 100\$; Ana Torrão Santos Andrade, Coimbra, 50\$; Manuel Duarte Matias Ferreira, Lisboa, 100\$; Maria do Céu Sucena Barata Covilhã, 20\$; D. Laida da Conceição Domingues Lima, Montemor-o-Velho, 30\$; Ana Duarte Reis, Montemor-o-Velho, 30\$; Eester Mola, Montemor-o-Velho, 20\$; Rosa da Silva Galvão, Montemor-o-Velho, 20\$; Georgina Esteves de Barros, Montemor-o-Velho, 45\$; D. Alzira Marçal Nunes Perle, Montemor-o-Velho, 25\$; Ernesto Alves Moreira, Porto, 50\$; António Ribeiro Mendes, Porto, 50\$; Eduardo Esteves Pinto, Porto, 25\$; Manuel de Carvalho, Vila do Conde, 50\$; Alvaro Augustp Magalhães Oliveira, Porto, 60\$; J. Gomes de Sá, Valbon 50\$; Manuel da Silva Nunes, Gaia, 40\$; Maria da Carmo Varêta, Lela do Bailio, 50\$; Dr. Joaquim Trigo de Negreiros C. Sampaio, Porto, 20\$; José Fernandes de Oliveira, S. João da Pesqueira, 30\$; António Alfredo de Oliveira, S. João da Pesqueira, 25\$; Fernanda Moraes, Lisboa, 50\$; D. Rufina Barata de Almeida, Alhandra, 50\$; Dr. José Barata Correia e Silva, Tomar, 30\$; Dr. Henrique de Macedo e Faro, Lisboa, 50\$; D. Carlota Montês Champalimano, Régua, 20\$; Maria Piedade S. Matos, C. Branco, 30\$; Manuel Vieira, Vila Moreir, 50\$; Maria Amália Nápoles, Alpedrinha, 20\$; Professor António da Costa Cabral, Lisboa, 50\$; Professor L. São

Neste ano centenário da Tomada de Lisboa aos mouros, a Obra da Rua vai também comemorar o acontecimento a seu modo, erguendo na cidade o monumento mais belo deste ciclo de comemorações—a Casa do Gaiato de Lisboa. Outros monumentos de cartão desapareceram já; êste ficará para sempre.

Quem lança os olhos sobre o passado, não pode deixar de os elevar em seguida para o Alto num fervoroso hino de acção de graças.

Em 1940, no ano centenário da Restauração, tres pequeninos de Coimbra tomavam conta do berço da Obra, em Miranda do Córvo. Quem diria que ali estava o germe desta revolução pacífica que, quatro anos mais tarde, levava de vencida a cidade do Porto, e que, passados mais quatro anos, viria lançar o assalto (que não há-de ser o final) à capital do Império?

E' verdade! Cá estou à beira das Linhas de Torres, no palácio patriacal de S.to Antão do Tojal, a preparar novas frincheiras.

Um palácio para deserdados!
Um palácio sim, mas em que estado, meu Deus. Quarenta anos de abandono e rapina passaram sobre ele, em vendavais sucessivos. Viemos deparar com ruínas que é preciso restaurar, para reparar outras ruínas dum mundo desequilibrado.

Ao inspecionar os arruinados prédios que são hoje o Lar acolhedor das colónias de férias da S.^a da Piedade, apeteceu-me cruzar os braços e fugir; agora que me é dado contemplar a alegria escaldante de 250 crianças que por ali estacionam, dou por bem empregados todos os gastos e sacrifícios. Mais tarde direi o mesmo destas ruínas.

A cruz, simbolo de redenção e paz, que enclimava a torre, cansada de cobrir com a sua sombra montões de granadas, desabou pesadamente sobre elas, perfurando os telhados da igreja transformada em paiol. Se então não foi tudo pelos ares, é porque a Providência destinava estas ruínas, agora abrigo de pombas e morcegos, para abrigo dos seus próprios filhos.

O magestoso aqueduto que ia morrer na serra vizinha, arquejado pelo peso dos anos, acabou por dobrar os joelhos, deixando, de cem em cem metros, lacunas irreparáveis que nos obrigam a rasgar a terra numa extensão de quatro quilómetros para lançar nova conduta.

Salas, tanques, pombais, fontes, tudo revestido de artisticos paineis de azulejos, atestam a passada de vandalismo.

—Que é da cozinha? pergunto ao meu cicerone?

—A cozinha, a coisa mais linda que cá havia, desapareceu... Que lindos paineis! Levaram tudo!

—E os paramentos da igreja?

—Queimaram tudo!

—As estátuas que povoaram estas ruas?

—Levaram tudo!

—Que é das portas, janelas e madeiramentos daquele palacete?

—Roubaram tudo!

—E a fé do povo desta terra?

—Desapareceu tudo!

Quando custa ouvir esta palavra—*roubaram tudo*—neste civilizado Portugal cristão. Tudo... até a fé do bom povo! Que admira o resto?

Sim; como da outra vez, agora apeteceu-me cruzar os braços e fugir. Mas tenho sempre nos ouvidos o gemido do orfãozito e de tantas crianças que batem à porta cobertas de piolhos e farrapos. Não temos o direito de parar enquanto em Portugal houver uma destas crianças sem abrigo. O gemido delas é grito de incitamento. E não paramos.

Neste momento estou a ouvir o martelar dos carpinteiros e trolhas. O refeitório—é sempre por aqui que começa a conquista—vai ficando quase concluído. A seguir cozinha, escola, enfermaria, o altar, a cruz...

Sim, a cruz para elevarmos para ela os olhos em maré de desalento e, quem sabe? para nela sermos cravados se não formos dignos de tão grande Obra.

PADRE ADRIANO.

P. S. Este artigo que P.^o Adriano acaba de mandar de Lisboa, não contradiz nem destrói o *funido* d'hoje. Na data em que escreve, P.^o Adriano estava, realmente, a ouvir o martelo dos artistas. Trabalhávamos naquela data. Nós queremos trabalhar. Na de hoje; na hora em que esta lê, talvez tenhamos parado,—à espera! Nada mais triste do que esperar por quem não espera por nós. A miséria não espera e na força que

Isto é a Casa do Gaiato

ONTEM foi o nosso linho pró engenheiro. Chama-se engenheiro aqui, a uma engrenagem de cilindros puxada por bois, aonde o linho é moído e remoido, depois de haver estado 3 dias debaixo de água corrente e outros tantos a secar. Todas estas operações se fizeram regularmente, com o nosso pessoal e muito a contento de todos. São coisas novas, cheias de vida e de luz.

O homem que mete o linho nos cilindros chama-se engenheiro. Ele não se chama; chamam-no. *Ai vai, senhor engenheiro!*

É uma mão cheia de linho que o rapaz chega ao homem e este faz girar nos cilindros. Senhor engenheiro! Este nunca deu fé do nome que lhe dão, nem a importância que é, o nome, tem na sociedade. Senhor engenheiro é qualquer coisa. Quando eu ando pelos grêmios e como não conheço ninguém, a todos dou o nome de doutor, sem saber se eles são ou não. Eu tenho que todos gostam, assim como eu também, por isso, si vai o senhor doutor. Pois bem. Alguns senhores têm refilado. Já me aconteceu! *Perdão; eu sou engenheiro.* E rapam do cartão! Andou o nosso linho ontem no engenho, sim. As voltas que é ainda há-de dar antes de cobrir o corpo dos nossos, é que fazem com que o linho seja o pano mais precioso.

ANTES do linho, andou na eira o centeio. Veio de Penafiel, do Grémio de Lavoura, a máquina de debulhar. Ele foi muito depressa, sim. Num instante se acabou. Foi, também, mais económico. Eu cá antes queria a malha à moda dantes! Os malhadores mais falados. Os mangoais. O cantar, a pedir infusas. A sopa seca. O arroz de forno. O presunto cozido em caldo de repólho. As larachas. Os ramos de cravos. Os lenços garridos das moças. Vem a viola. Começa a festa:

«A viola quer que eu cante
«As cordas quer que eu padeça
«O moço que está tocando
«Quer que eu por ele endoideça.

Sim. Eu antes queria tudo à moda dantes. Agora, pior. A máquina! A força! Um borrão de tinta nas páginas mais formosas que o nosso Povo sabe escrever, na vida dos campos e das eiras! Tenho pena!

BATATAS. Batatas. Batatas. Batatas. Campos delas. Já há mais dum mês que os nossos cozinheiros só fazem batatas. Das terras fundeiras, não, mas dos campos em redor das casas, era batatas e ovos! Ovos sim. Ninheiros deles, entre a rama das batatas! O Daniel achou 10 ovos. O Fozcoo, achou 3 deles. Soube, quando vi o Daniel a comer um ovo frito. Atras ia o Foscóo, que tinha achado e entregado três.

—Então o Foscóo?

—Eu dou-lhe daqui.

—Não dá nada. Vai à cozinha pedir um ovo para ele.

Expliquei. O Foscóo entregou todos quantos encontrou. A fidelidade é que vale. O Sapo foi chamado a contas por não dar contas dos ovos. Fosse ele mais vigilante sim, que nem Daniel nem Foscóo achavam ovos.

AGORA mesmo um dos cozinheiros mostra um ovo, da janela do seu quarto, o qual uma das nossas galinhas acabara mesmo de pôr, na cama do João. Outras, fazem-no noutras. Algumas, é nas mesas do refeitório. Ainda outras, na cozinha, onde calha. Elas são participantes da nossa vida doméstica. Fazem consoante vêem fazer.

ONTEM fui ao Lar do Porto. O Zé Eduardo agarra-se a mim e frita-me de todos os lados. Uma caneta. Quer uma caneta. Ele não me pede que lhe dê. Não pede. Não precisa disso. Ele ganha. Tem a sua conta corrente e sabe qual o saldo. Todos os meses, o chefe do lar faz saber a cada rapaz quanto tem em caixa. Não pede a caneta. Pede licença para a comprar. Ora como o rapaz insistisse e insistisse e insistisse

O Horácio. O Horácio é aquela criança que veio pela mão da *mulher do povo*, desfigurado dos maus tratos. O Rio Tinto, coze todos os dias. O leite fumeja. A palha da enxerga, é fresca. A casa aonde ele fica é cheia de luz. Que aconteceu ó Horácio? Que havia de acontecer ó Horácio. A coisa mais natural deste mundo. Começa a desabrochar com todas as suas qualidades e todos os seus defeitos. Flor ao sol!

Ora o Horácio, tem provado ser um dos seres mais curiosos que jamais pisou a nossa aldeia. *Não há direito*; eis a sua forma de reclamar. Não sei aonde é que ele aprendeu; de que escola veio. Coisa que lhe não cheira, si vai o seu favorito *não há direito*. É necessário muita cautela porquanto, na maior parte dos casos, *este não há direito* sai dum tórto. Por isso tenho examinado de perto o Horácio. Ontem, ouvi refilar. Era por causa do senhor Joaquim. Do cego. Ele pertence à turma dos do senhor Joaquim. Os mais bem guiados cá em casa, são justamente os d'ele; um cego. Deus compensa. Dá e tira, e é sempre justo. De uma vez, à vista de um cego de nascença, os discípulos, mal avisados, perguntaram ao Mestre se tinha sido ele ou seus pais que pecaram, para assim nascer. *Nem um nem outro. É para que se manifeste na terra a glória do Pai Celeste.* Dá e tira e é sempre justo. Esta just é a sua glória. Mas continuemos. Uvi o Horácio a refilar: *Não há direito!* Chamei por ele. Quis saber: — *Eu sou aleijado. Eu é que devia andar com o senhor Joaquim. Ele nunca me deixa. Dá a cana ós outros. Não há direito!*

E mostrava o aleijão: *olhe aqui.* Eu ainda não tinha olhado. Eles são tantos! Numa casa sem ordem como a nossa é, quem pode descer a minucias? Eu ainda não tinha olhado, sim, mas era verdade. O rapaz é defeituoso. Uma queimadela num pé! Tem andado por feiras. Tem visto, certamente, o cego conduzido pelo aleijado. Discorreu. Protestou. *Não há direito.* Cegos por aleijados, não faz mal. Agora cegos a conduzir cegos, isso é que é. Caem necessariamente no primeiro barranco. Caem e fazem cair muita gente. Não querem vêr!

O Sapo foi-se meter à frente. Chegara uma camionete com um grupo recreativo. Veem muitos, de muitas terras. Chegara, e o Melgaço veio fazer queixa indignado: *O Sapo foi-se meter à frente.* Ora o Melgaço não tem razão na queixa que apresenta. O Sapo também é cicerone. Tem braçadeira. Não usurpou direitos. Usou um direito seu. Que quer o Melgaço. Andasse mais depressa!

O Melgaço, tem um outro nome, do qual só há dias tive conhecimento. É o *Faz-me rir.* Disse-me que o nome lhe fôra posto na escola; pelos rapazes da e explicou. *Eles dizem que eu os faço rir, quando sou chamado à lição.* Isso já eu tinha descoberto há muito tempo. Não é momice. É o encanto natural deste rapaz; flôr aberta. Flôr que veio da montureira!

ONTEM foi aqui o bom e o bonito. Apareceu uma galinha com 13 pintalhos pela mão! Ninguém deu fé. Esteve todo o tempo aninhada entre umas silvas. Fui chamado, já se sabe. Eu sou sempre chamado para as coisas importantes.

Olha que magrinha. Era a galinha. A galinha esquecera-se de si, enquanto cuidou dos seus filhos. Boa mãe. Mas os rapazes supriram. Foi milho e migalhas e arroz—quanto ela quizer!

O José Constantino, que foi um dos cozinheiros da aldeia durante dois anos seguidos, acaba de ser colocado em uma casa de comércio, na cidade do Porto. Ele é natural de Coimbra. Nada temos a dizer contra as suas atitudes de trabalho e esperamos que ele continue a dar boa conta de si. Retirou 670\$ da caixa de salários da Casa do Gaiato, conforme o seu crédito, e entregou este dinheiro no Lar, ao Maioral, para ser creditado na sua nova conta corrente. A maneira que fôr necessitando, pede e diz para quê. Mentindo, a si mesmo o faz. Nós não podemos andar com os rapazes ó colo, depois da idade do Constantino. Ele já fez cezasseis. Vamos a vêr. Só tenho uma queixinha.

A VENDA DO FAMOSO

Tenho aqui sobre a mesa a folha de venda do número 90. O Júlio escreve assim ao fundo, em letras garrafais: *Venda record até à data!* Ora se já na derradeira folha ele dissera coisa semelhante, para onde caminhamos nós? Seja como fôr, os vendedores entregaram cinco mil quinhentos e onze escudos. Nada menos de trinta e cinco pessoas lhes confiaram dinheiros de assinaturas. Venderam três mil e vinte oito exemplares. Apresentaram mil trezentos e noventa e tres escudos de sobras. Estiveram em Braga, Espinho, Póvoa, Foz e Porto. Também foram às termas de S. Vicente onde despacharam um rôr de jornais, que não estão incluídos nos números acima. Soubesse o Júlio de mais esta venda, que mais espanto faria! Eles, vão por toda a parte. Quais pescadores sem medo eles descobrem os bancos, lançam o anzól, trazem o peixe. São chispas de alegria que passam a dizer ao mundo que Deus existe. E o mundo que lhes compra o jornal e dá de comer, *também* por isso mesmo, afirma a mesma doutrina.

Esta sorte de rapazes são pau para toda a colher. Passou há dias, em Coimbra, o documentário da aldeia em um dos cinemas. Quem é que subiu ó palco e falou ó micro? Os rapazes. Quem pediu à saída? Eles. Como? Tiram os casacos, estenderam-nos, colocaram-se às portas de saída e pronto. Houve aqui perto um grande incendio. Cinco minutos dos muros da nossa quinta. Quem é que subiu com um machado na mão e o cortou? Eles. Quem é que abriu a corte dos bois com riscos de ficar queimados? Eles. Eles, quem? o Rebotalho!

—?!

—Sim senhor. O Rebotalho. De uma vez, no rio Ceira, caiu-me um pequeno à água. Sítio fundo. Vi o perigo. Gritei. Gritei. Quem é que acudiu? Eles. Vem um, atira-se à água, salva o companheiro! Ainda hoje sinto um grande alívio, quando calha ver em Coimbra salvado e salvador! Eles. Sempre eles. Tudo eles.

NOTÍCIAS DE MIRANDA

O Fala Barato foi a Coimbra vender «O Gaiato» e teve boa venda. Ao passar pela rua, viu dentro duma montra um Manequim e disse-lhe: *minha senhora compre-me «O Gaiato» ande lá compre faça o favor.* Ele olhou para traz e diz: *O Manteigas, esta senhora, nem diz que sim, nem que não.* O Manteigas riu-se até se fartar.

Fomos à Figueira da Foz vender «O Gaiato» e vendemos bastantes. No domingo o Sr. Padre Américo, disse duas palavras sobre a Casa do Gaiato, que é a nossa obra. No Torte da S. Catarina, 3.602\$00; Na igreja da Misericórdia, 900\$00.

Houve um desafio de Futebol entre duas seleções de Gaiatos, a que assistiu o Sr. Padre Magalhães da S. O. Ele prometeu um prémio a quem ganhasse o desafio. Os que ganharam, estão ainda à espera do prémio. Recebemos um postal, que dizia que o trazia na próxima visita.

Aqui há tempos o Mário foi brincar com as abelhas e uma delas terrou-lhe num olho. Este corria pela rua acima, quando lhe perguntaram onde vais? E ele disse vou acusar a

Não fez ainda a 4.ª classé. Espero que a faça no Porto.

CHEGOU aqui agora mesmo o Magala vindo de mais uma das suas muitas excursões. Gosta de andar por lá. A malta apupa-o quando ele chega. Mandei que viesse à minha presença. Fixei-o. Toquei com o meu dedo na minha testar:

—Sabes o que isto quer dizer?

—Que não tenho juízo.

Muito bem, disse eu. Pois não to posso dar.

Mais sério, porém, é o caso do Lucio de Portalegre. Fugiu, para nunca mais. Há um mês. Um mês, por lá. Quem mo dera cá!

A mobília das nossas casas! Sobretudo a mobília da nossa casa-mãe! Profusão. Quer dizer, uma peça de cada tamanho e um tamanho de cada cor e uma cor de cada feitio! Já dantes assim era, mas agora muito mais, depois da herança do vapor, que rendeu duas camionetes de mobília. Agora é que é!

Os próprios rapazes se encarrégam de adornar as suas casas. Volta e meia oiço um *posso levar isto?* Isto, é uma peça retirada do monte, que mais lhe agradou. O Rio Tinto, tratou logo de retirar para o seu quarto, uma das cadeiras mais confortáveis do lote. Eu deixei. Oxalá ele descanse. *Rio Tinto* é o fornecedor da casa. Tem muita responsabilidade. A's vezes levanta-se de madrugada e já o tem feito à meia noite! É ele. É o péso da sua obrigação. Sim. Na casa-mãe, a mobília é profusão. De testo as séries, seja do que fôr. A série é da mão dos homens. É o mais que eles podem e sabem. Na natureza não é assim. Nada igual. Cada estrela seu brilho. Creio em Deus Onipotente!

EU estava a lavar as mãos na varanda do refeitório, quando o Bucha se aproxima com olhos de muita alegria. Tudo nêle falava. Trazia uma data de feijão verde da horta. Da horta d'ele. *Colhi esta manhã. Vou levar ós cozinheiros.* Quis saber se ficara alguma coisa. Não senhor. Tinha colhido tudo e ia dar tudo ós cozinheiros. Se ele há no mundo alguma fonte de onde brote generosidade esta é a alma da criação. O Bucha tem nove anos. Se ele não tivesse uma horta sua, como havia de mostrar-se generoso? Se nós não tivéssemos uma quinta grande como haviam eles de ter horta? As hortas são aqui em casa motivo de *graves* discórdias, sim. Já tem jorrado sangue entre eles! Eu deixo e quero hortas. Gosto de vêr cada um ocupado com a sua, nas horas do recreio.

APARECEU-ME hoje o Chico alfaiate com manchas na cara. Manchas amarelas, a modos de tinta. Perguntei. *É remédio.* Por palavras suas e feito seu, ele contou de como há muito tempo vinha a sofrer de empingens na cara. De como o doutor lhe dera um remédio que fazia doer e não curava. De como o Julio, um seu colega, tivera a mesma coisa e se curara com o *leite* de umas ervas, como ele agora fez. Andaram os dois pela nossa mata. Acharam as ervas. Fizeram o remédio. Aplicaram-no. *É uma coisa que boia leite.* Estão curados. Isto é admirável. Espantoso. O Francisco mais o Julio, foram por si mesmo à tradição—a grande fonte dos conhecimentos. Eu amo estes desembaraços que marcam personalidade. Gosto da economia caseira. A gente dantes ia à botica com uma tijela e meio tostão. Agora não há boticas. Há depósitos. Depósitos dos muitos laboratórios desse mundo. Lá é que se faz tudo; o remédio e o preço. O preço sim! De uma vez encontrei um homem a sair do consultório dum médico e a rasgar a receita.

—Oh homem. Olhe que isso é a receita.

—Que quer você que eu faça? É tudo um dinheirão!

O Presidente é o rei dos cicerones. Tem fama na aldeia. O que lhe dão, se muito se pouco, tra-lo ele mais no rôsto do que no bolso, quando vem fazer entrega. Ontem veio muito triste. Uma família deu cinc. tostões. *Li vinham de automovel,* diz ele. Contou que os senhores viram tudo, que g. staram muito